

A LITERATURA E OS JOGOS DO PRESENTE

Ronaldo Lima Lins

RESUMO: Este texto estuda o problema da atualidade da cultura, vista sob a ótica dos ingredientes do passado e do confronto que os mesmos realizam com as novas dinâmicas do processo histórico. A literatura se coloca, dentro de semelhante panorama, como um testemunho privilegiado e como forma de resistência contra os sistemas de opressão.

PALAVRAS CHAVE: literatura, jogos, presente.

Il nous a connus tous et nous a tous aimés. Sachons, cette nuit
d'hiver, de cap en cap, du pôle tumultueux au châteaux, de la foule
à la plage, de regards en regards, forces et sentiments las, le héler et
le voir, et le renvoyer, et sous les marées et au haut des déserts de
neige, suivre ses vues, ses souffles, son corps, son jour.

Arthur Rimbaud. "Illuminations".¹

O processo de dissolução do eu culmina um caminho cujo desfecho parece inesperado. Não se podia prever que uma sociedade que se implanta pelo fortalecimento da idéia de individualidade, ainda que passasse por muitas decepções, chegasse a um patamar de desprestígio da subjetividade e de suas conquistas. Associar a noção de cultura a tais particularidades implica examiná-la à luz de seus fundamentos e dos desvios que assumiu daí por diante.

Nada de mais diferente do que o padrão de cultura, se confrontarmos o século XVIII, antes da Revolução francesa, e o século XIX, para não mencionar o XX e o atual. Cultura significava, basta reler Lessing, uma via para o aperfeiçoamento de princípios nos quais a perfeição determinava um modo de aproximar-se de Deus. A beleza ocupava um lugar

em semelhante concepção. Note-se que não estamos diante de uma postura que se concentre no homem. Como o prestígio funcionava dentro de categorias hierarquizadas e o governo constituía o degrau máximo da escada, por direito divino, quem não possuísse um título nem o dinheiro para obtê-lo, com ou sem inteligência ou saber, não tinha como aspirar um lugar ao sol. O resultado, agravado pelas crises e pela degradação econômica, fruto das guerras e da má distribuição na coleta de impostos, trouxe para os desprovidos uma sensação de desamparo e de cerco, como se as suas aspirações estivessem condenadas. Não havia como se falar em dissolução do eu, nas circunstâncias, porque, fizesse o que fizesse, o indivíduo suportava o isolamento a que o estado de coisas o relegava e não via como entrar em confronto contra o mesmo. No máximo, sentia-se semelhante a alguns poucos que não se enquadravam nas posições de esperança ou de consideração social. A individualidade só se tornou uma categoria política com o advento da Revolução. Nem compreendia, de início, os saltos de qualidade que garantia para si mesma com a reformulação da visão de mundo que ia realizando, enquanto desenvolvia uma teoria e se transformava num segmento contestador. Como a burguesia dispunha de instrução, embora minoritária, construiu uma filosofia que repensou as relações a partir de ingredientes culturais. O que logo descobriu em relação aos fundamentos da cultura, na fase que se iniciava, foi que existia em nome da humanidade e como sua expressão. Terminou por trazê-la ao plano de um universo laico no qual as pessoas se moviam e lutavam para sobreviver, às vezes em condições extremamente precárias. Não espanta que a literatura, importante sobretudo no século XIX, haja desenhado personagens comuns, abandonados pela sorte. De Deus para o indivíduo, na medida em que transferia o ponto de apoio, a cultura se imaginou dotada de um meio de aproximar os homens e fortalecê-los. Graças a isso, ficamos conhecendo a riqueza que é capaz de comportar a interioridade de uma pessoa, seja ela homem, mulher, adulto, criança, rico ou pobre. A modernidade nasce sob um signo diverso daquele que por séculos regera a sociedade. Restava-lhe saber de que modo se armava o processo, qual a sua arquitetura, quais as suas perspectivas e o que levaria adiante. No que se produzia, a mutação se consumava pelos poros da esfera artística. Tinha, em primeiro lugar, de se amparar na realidade, apesar do impulso romântico que a desencadeou, revelando que possuía fortes necessidades de se desligar da tradição e voar com as suas asas. Compreende-se, a

posteriori, que a fantasia da onipotência contida no romantismo haja assinalado o primeiro passo enquanto se asseguravam conquistas das revoluções política e industrial. Nós não nos desligamos de todo, sem dúvida, dessa gênese marcada pelo sonho e pela vontade de transformar. Logo se entende que a ligação com a realidade das coisas se efetivaria como uma norma para aqueles que se interessavam pela arte. A posteriori, igualmente, não deixaremos de detectar traços do romantismo no realismo. Contudo, este se firmou como uma inovação, incorporando balanços e atitudes onde antes havia conceitos e fantasias. A condição da classe operária, não obstante o lado grotesco e tenebroso, penetraria nessa esfera até então reservada à beleza e à perfeição.

Mostra-se importante estudar o fato para ampliar os nossos sistemas de compreensão e acompanhar a curva que, depois da ligação do eu com o outro eu, passou pela etapa do eu contra o outro eu e culminou, como em nossos dias, na indiferença do eu com relação ao outro. No primeiro estágio, quando o eu procurava o eu, em si mesmo e no outro, a fraternidade, um dos lemas da Revolução, predominou entre as categorias políticas e influenciou, nem que fosse como contraste, ausência, nas discussões. O vazio funcionou como angústia, mas também como força de aceleração. Era como se a humanidade se imaginasse capaz de botar em prática, depois de pensá-los, os princípios que havia elaborado. Esbarrar na realidade significava lutar contra ela. Havia uma tragédia confiante na evidência de que, a cada dia e após cada tumulto em torno do poder, não se chegava lá. As impressões se revestem de experiência interior, ao mesmo tempo em que a exterioridade se soma aos sentidos. É assim que se arma um conjunto disfarçado de temas da aspiração humana, como a mulher, o amor, o desejo de integração e de pacificação entre o passado e o presente. Baudelaire dá uma medida disso em alguns versos de seu poema “Amor à mentira”. Estamos numa idade, não nos esqueçamos, em que as invenções tecnológicas, incluindo a da iluminação pública, trazendo claridade às trevas, se associam às invenções da alma e suas vontades:

Quand je te vois passer, ô ma chère indolente,
 Au chant des instruments qui se brise au plafond
 Suspendant ton allure harmonieuse et lente,
 Et promenant l'ennui de ton regard profond;

Quand je contemple, aux feux du gaz qui le colore,
Ton front pâle, embelli par un morbide attrait,
Où les torches du soir allument une aurore,
Et tes yeux attirants comme ceux d'un portrait,

Je me dis: Qu'elle est belle! Et bizarrement fraîche,
Le souvenir massif, royale et lourde tour,
La couronne, et son coeur, meurtri comme une pêche,
Est mûr, comme son corps, pour le savant amour.²

O mesmo poema concluirá:

Mais ne suffit-il pas que tu sois l'apparence,
Pour réjouir un coeur qui fuit la vérité?
Qu'importe ta bêtise ou ton indifférence?
Masque ou décor, salut! J'adore ta beauté.³

Cumpra assinalar que, com a esperança exposta, as dúvidas em torno das possibilidades do empreendimento já se anunciam e perturbam, como uma fratura, a segurança nos desejos.

O eu, afinal, não se ajustará no eu, nem interiormente nem exteriormente. A alma que queria integrar-se, transposta a tempestade das transferências de poder, geme de decepção nos passos misturados do que houve e do que virá, do passado e do futuro, em meio a um presente que trai e não consuma os sonhos. O amor à humanidade, posto como meta, aparece como um navio de casco rachado, frágil, prestes a afundar.

Entretanto, as lutas prosseguiram - nas ruas, nas oficinas e no ambiente da cultura. A teoria política cresce e justifica os investimentos na coesão social junto aos clamores em defesa da igualdade e da liberdade. O e, como aditiva, na equação eu e os outros, dará lugar, sem que se passe muito tempo, às adversativas mais ou menos enfáticas até que Sartre, numa de suas peças, escreva a frase contundente, pela boca de um dos seus personagens: O inferno são os outros!

O canto de amor à humanidade, uma vez erguido, não se calará. Foi por amor que se matou em escalas desproporcionais, numa antecipação do que posteriormente aconteceria por ocasião das guerras no século XX, com seus requintes de tecnologia e crueldade. Nada decepcionava este amor. Um pacote de medidas, umas resistindo, outras atendendo às pressões, pôs em ação as concepções formuladas no balão de ensaio

iluminista – e mesmo assim os resultados no máximo se provavam parciais. Tais medidas formaram o fundamento das sociedades em que vivemos.

A mesquinharia, a avarizia, a ganância, o oportunismo, retratados pela literatura, constituem personagens do capitalismo de poupança, quando, na ânsia de subir e vencer, uns sufocavam ou pisoteavam os outros. Rapidamente foram esquecidos os princípios do cristianismo medieval, entre os quais a caridade, tornada inoportuna e anacrônica. Para abrir mão de coisas tão importantes, não parece difícil avaliar a carga de otimismo com que a humanidade aceitava e investia nas mudanças. Às hordas de populações expulsas da atividade agrícola, sem meios de absorvê-las na indústria, minimizou-se o perigo por intermédio de uma sucessão de guerras que, no entanto, não afetaram a produção intelectual ou as expectativas dos ideais transformadores. Entendendo as perversões como resistência dos grupos no poder, o socialismo se firmava pensando em algum novo, um rompimento abrupto que alterasse as fontes de produção, as mentalidades e os hábitos.

As pontas do sistema não se juntavam. Rodolphe e M^{me}. Bovary, para citar apenas o romance de Flaubert, ficarão no caso fortuito, dois amantes enquanto durou a vibração e não surgiram problemas. Palácios não se associam a residências de classe média. As decepções não farão calar na mulher de Charles a sede de sucesso, sede tão grande e insaciável que, como sabemos, provocará uma tragédia. Expressa algo de significativo do ponto de vista das aspirações e de como se colocavam, de repente, ao alcance de todos. Com Emma, Flaubert enfia o dedo na ferida. Compõe um ser dilacerado, alguém que mal conhece o próprio eu e que se movimenta no sentido do outro, mesmo que busque no mesmo afeto e valorização. O projeto de fraternidade, aliás, passava pela hipótese da valorização posta agora como um patrimônio da humanidade extensível a qualquer um. E é a traição desta expectativa que fará desabar aos poucos, como desabou M^{me}. Bovary, o ideal revolucionário, o homem novo que se pretendia instituir, abrindo caminho para maior divisão e concorrência entre as pessoas e, em seguida, para a dissolução do eu no meio da massa na sociedade de consumo. O tema do amor ocupará um lugar nesta literatura: amores exasperados e atraçoados, com as suas seqüelas, feitos extraordinários e malogros. Depois, quando o modernismo se fez arrogante, avassalador, tratou do assunto com desprezo, às vezes com ambição, mas quase sempre certo de que não se tratava de um percurso passível de ser trilhado.

Se Lukács, em sua teoria do romance, há quarenta anos, colocou a questão de saber se os romances de Dostoiévski seriam as pedras a partir das quais seriam edificadas as epopéias futuras, a menos que fossem eles mesmos estas epopéias, pode-se dizer que os romances de hoje, aqueles que contam, aqueles nos quais a subjetividade desencadeada se transforma em seu contrário pelo fato de seu próprio peso, parecem efetivamente com epopéias negativas. Testemunham um estado onde o indivíduo se liquida a si mesmo e reencontra o pré-individual que deu a impressão outrora de garantir um mundo pleno de sentido.⁴

O que se achava em estado embrionário em Flaubert, estampou-se mais tarde à luz da evidência. À sensação de sentido que se difundiu por certo tempo a ponto de entusiasmar, cedeu lugar ao seu contrário: à ausência de sentido. É de se salientar que a literatura avançou nesse patamar mais do que outras formas de percepção da realidade. Isto se deu por uma das características culturais da época: a de realizar o levantamento das condições do real e absorvê-las, traduzindo-as em forma. Ainda não estamos diante do fenômeno do que vimos denominando de “dissolução do eu”. Adorno diagnosticou o fato como algo semelhante a um estágio do pré-individual, o fragmento de segundo entre o antigo e o novo, quando se imaginou que se podia defender a esperança. É um momento que evoca a experiência de Rahel Varnhagen encontrando as palavras de Lessing (“o pensamento basta a si mesmo”) e supondo descobrir uma chave para os seus dramas. O eu elevado à categoria de universo, ganha relevo e se impõe como uma barreira, só porque pensa, contra as injustiças. Nesta fase, há uma porta entre a sensibilidade e a razão, uma fagulha que localiza o oxigênio e desperta as emoções, retirando-as do inferno do desalento. Mas o sonho criado pelas formulações do pensamento, por mais verdadeiro que pareça, tropeça na incapacidade de desfazer os nós da organização que os ata e lhes reduz a capacidade de ser. Se fosse possível existir plenamente, como se projetou, a força de transformação emprestada aos movimentos se faria irresistível. No choque entre os princípios da realidade e do prazer, como sugeriu Freud, a desagregação contaminaria os poros do tecido social e os impediria de respirar. A dureza da observação já transmite um sinal de alerta e um horizonte de balanços. Mesmo o sonho, segundo o grande psiquiatra, tem de cortar as asas.

Algumas medidas concretas aumentam, junto à opinião pública, a dor da dilaceração, sobretudo alegórica e literária, no século XIX. A

modernização avança, programada, em certos casos, por um tipo de política governamental, depois irradiada, posta em prática com um misto de esperteza e iniciativa pragmática. As cidades se adaptam às tecnologias do transporte, da iluminação pública e da higiene. Luís Napoleão e Haussman, prefeito de Paris, empregando mão-de-obra, uma vez que a Europa vigia as pretensões expansionistas da França, rasgam, demolem e constroem avenidas, diminuindo na grande metrópole os marcos do passado e preparando-a para o futuro.

O urbanismo alterado (com seus desenhos arrojados e quarteirões em ruína) fornece o misto de lamento e alegria que se repete no interior das pessoas. Entre os que desejavam a conservação do antigo e os que defendiam o novo, aqueles que não opinavam por nenhum dos dois carregavam a carga das mudanças como um destino. A Teoria Crítica, através de Benjamin, concentrará atenção na geografia de Paris e fará dela a alegoria da modernidade: um passo à frente e outro atrás; uma construção do conforto e uma produção de lixo. Os homens e mulheres que se agitam equiparam-se aos volumes de matéria descartável, uma coisa curiosa e paradoxal, considerando o fundamento que sustentava a sociedade burguesa e que se baseava na higiene. O gosto pela limpeza afirmava a necessidade de separar, catalogar, dividir o que guardar e o que jogar fora. Não se conseguirá (e é algo que gerará um conflito cada vez maior) realizar um desenvolvimento compatível com a escala humana no qual se enfatizasse o substantivo em detrimento do adjetivo. À engenharia da rede de esgotos somaram-se os depósitos da coleta doméstica e industrial, tão desagradáveis quanto maiores e mais insolúveis, difíceis de ocultar. As cidades perderam o aspecto mal-cheiroso que as caracterizava quando até o conteúdo dos urinóis era atirado às ruas. Estes passaram a circular sob o asfalto, através de canalização subterrânea, dirigindo-se aos rios e ao mar. Criaram-se em seguida, mas muito depois, quando o ar, a terra e as redes fluviais já se achavam poluídos, as estações de tratamento. Do lixo in natura, para os quais ainda não há solução aceitável, além das tentativas de torná-lo comercializável, saem os germes que bombardeiam as populações como ataques de armas invisíveis, como diria Don DeLillo⁵.

É assim que o momento da sociedade que nos antecede se declara incontrolado. Não há como avaliar com segurança ainda, nas qualidades negativas do processo, o que irrompia, passo a passo, como erupções vulcânicas.

Que ao lado do positivo haja o negativo, o que sempre ocorreu, é uma constatação que se chocava contra os anteparos de proteção do sistema, cuja ideologia, de tanto afirmar a autoconfiança, não chegava a tratar do resto. A quantidade de pobres, ao lado de uma elite afluyente e farta de recursos, implicava numa aflição maior considerando as novas formas de ver o governo das nações. Sem o pecado original e a versão bíblica, a infelicidade dava a impressão de desnecessária, bastando atacá-la para consertá-la. Para compensar os prejuízos, acenava-se com as vantagens do futuro, justo o que o tempo revelou impossível, consolidando, em vez de atenuar, os abismos e as distorções. Se o hoje tem fundamento nos acertos e erros do passado, não é inviável localizá-los nas perspectivas lançadas pelo século XVIII e o que se deixou no caminho antes de chegarmos ao aqui e agora. Talvez a iniciativa privada não tivesse sido possível sem as promessas da fase que se iniciava e que pareceu aos trabalhadores mais compatível com as suas necessidades. A selvageria do capital funcionou de tal ordem que, nos mais severos redutos do liberalismo, onde o mercado se constituiria como a única instância reguladora, sentiu-se que o Estado tinha de cumprir o seu papel e não assistiria aos fatos de braços cruzados. Leis contra a ganância e a concorrência desleal, contra os monopólios, foram aprovadas mais ou menos em toda parte.

Na política, o pior (e qualquer eleitor sabe disso) são as promessas não cumpridas. Logo, antes até que os insucessos da situação alcançassem a opinião pública, a arte começou a assinalar, através de um gosto pelas pessoas simples e desprotegidas, o que continuava de fora dos benefícios da linha de montagem e de suas fantasias. Compensava, dentro do seu espaço, o desprezo que despertavam junto às elites, para as quais fracasso profissional equivalia à incompetência, falta de mérito ou preguiça, algo, como concepção, que o uso da estatística e os estudos da sociologia viriam a desmentir. O poder de pensar e, portanto, de criticar, elemento que dava forças a Rahel Varnhagen, incendiou corações e explicou a sucessão de revoltas e revoluções, com seus intervalos de guerras. Era um contrapeso no barco da modernidade, enquanto o imaginavam à deriva, à procura do leme e do rumo. Os instrumentos de formação de opinião teriam de aguardar os efeitos dos avanços tecnológicos para aprimorar os calantes no meio das disputas por salários. A televisão e o cinema farão a tarefa que se esperava. Adorno não errou na condenação dos filmes de Hollywood que pintavam a existência cor-de-rosa dos subúrbios norte-

americanos, o que espectadores assistiam extasiados, depois de enfrentarem imensas filas, voltando para casa certos de que a sua própria vida, tão diferente, se manifestaria igual. Não interessou ao autor de *A dialética da razão* conjecturar sobre as exceções e destacar a favor da forma os filmes de autor cujos esforços agiam na direção oposta. Por comportar contradições, o cinema não se colocaria como o meio ideal para a realização deste projeto. A televisão fará o papel. Os grandes estúdios, pensando no lucro, irradiaram pelo mundo o resultado da perícia de certos diretores em brincar e distrair, imaginando e plantando no exterior, aonde chegavam, as sementes de uma ideologia.

O fascismo não nasceu por acaso. As reflexões de Adorno pintam a anatomia do processo. Buscam origens longínquas e estudam até, com semelhante propósito, o período da Antiguidade Clássica. Não lhe passou despercebida a ligação entre a barbárie e a sociedade de massas na qual eclodiu. Historiadores que pararam para estudar o populismo perceberam que coincide com o liberalismo, mas, também, com o ingresso nos cálculos eleitorais dos numerosos contingentes da população que convergia para as capitais, expulsa do campo e de seus modos de vida. Um exemplo ocorre em Viena, no último quarto do século XIX, justo, como aponta Carl Schorske⁶, por ocasião da mudança brusca nas formas de organização econômica. A concorrência por trabalho e um mínimo de conforto fez crescer o sentimento de insatisfação e acionou as esperanças por um mundo melhor e alguma compensação. Enquanto os olhares se concentravam no poder público surgiram políticos que procuraram capitalizar as insatisfações e acenar com possibilidades que não se viam no horizonte. Como dois corpos não cabem no mesmo espaço e o emprego se transformou num privilégio, oferecer alguma coisa a alguém implicava em tirar de outro. Não espanta que os debates despertassem radicalismo e violência. Na Áustria, como na Alemanha, esta modalidade de arrivismo se fez acompanhar do anti-semitismo, pela tentativa de desapropriar os judeus dos ganhos que obtinham na venda de porta em porta. A história se repetiu com os ingredientes da xenofobia e da segregação étnica, sempre dentro do sistema pelo qual o que se dava retirava-se de outro.

O movimento social na sociedade burguesa contém inevitavelmente a dor na medida em que não se baseia numa distribuição da riqueza, e sim na concentração e na competição. A frieza com que passou a demitir retirou de sob os pés o tapete que amparava às vezes a construção de uma

vida. Isso para não falar na tecnologia em mutação, o que expulsa do mercado os funcionários desaparelhados para acompanhá-la, contribuir e servir-se dela. O resultado surge com uma insegurança, defeito que representa uma qualidade para o empregador (não obstante o mesmo esteja sujeito a idêntico regime), desobrigado a aumentar os salários de operários obcecados pelo fantasma do desemprego. Se desejarmos discernir certos procedimentos culturais, não há como pôr de lado a estrutura da economia. Apesar de desprestigiada, do ponto de vista dos ganhos, a produção de cultura não foge à regra. Sofre de inquietações e desconfianças como qualquer cidadão.

As figuras distorcidas que aparecem nas artes plásticas ao final do século XIX e não desaparecem depois (ou somem da tela para dar lugar a abstrações, fenômeno em si significativo), transmitem a imagem de dor. Ficam, como ingredientes da linguagem, porque nela não entraram por acaso, na condição de rito de passagem, como preço a pagar pelo que se achava para acontecer. Faces e corpos desfigurados ocuparão a cena. Impressionistas, expressionistas, surrealistas, cubistas e os que os sucederam e sucedem nunca se afastaram delas, presos a tais personagens como a peças da engrenagem da expressão.

A época avança no meio de conflitos cada vez mais sérios e brutais, o que só por si ajuda a explicar a presença destes personagens. Por outro lado, convém reconhecer, enquanto os corpos se expõem, abrindo-se e trazendo à superfície a sugestão de seus ossos, o eu de que falávamos se traduzia como parâmetro. Continuava a existir e derramar lágrimas, sensibilizando as emoções. Podemos sugerir que ainda estão onde a modernidade os colocou, apesar do processo de reificação do produto cultural, dos valores e do indivíduo. A comercialização serve para confundir, mas não para calar a vontade de protesto. Trata-se de uma incoerência que se insere no meio de muitas outras e que faz da pós-modernidade um complexo de ingredientes no meio dos quais nos mexemos sem entender direito como e por quê.

Nada nos afirma que a literatura seja imortal; sua chance, hoje, sua única chance, é a chance da Europa, do socialismo, da democracia, da paz. Cumpre apostar nela; se a perdermos, nós escritores, azar o nosso. Mas também, azar para a sociedade. Pela literatura, eu o mostrei, a coletividade passa à reflexão e à mediação, adquire uma consciência infeliz, uma imagem sem equilíbrio de si mesma que procura sem cessar modificar e melhorar.⁷

A vantagem do diagnóstico está em chamar a atenção para a capacidade de iluminação pela literatura. O foco sobre a alma humana, uma das principais impressões que deixa em sua passagem, permite uma atitude de reavaliação a cada instante, sejam quais forem os testemunhos divulgados. Assim, apesar da confusão, a defesa vem com o ataque e o ataque vem com a defesa graças a esta modalidade de produção. Por meio dela, as convicções se estremecem. Nada é rápido em semelhante terreno. As fendas surgem, de todo modo, onde menos se espera. O fracasso de uns desfigura as ilusões do sucesso. E por mais que se pretenda fechar os olhos, a desolação, a injustiça, a dor permanecem como estranhas e incômodas presenças funcionando como alerta.

Sartre parte da idéia de que a sociedade deseja a transformação. Nem sempre se dá conta, no entanto, de sua necessidade interior. Esta se acomoda ali como a fome de Bloch, o conceito com o qual toca no princípio da esperança, uma fome que ultrapassa a vontade de comer e assegura à humanidade a defesa de sua dignidade. Gente humilde, esmagada pelas circunstâncias, tem fome. Humilhados e ofendidos têm fome. Podem implorar pela salvação, ajoelhar-se e soluçar. Em algum ponto da alma, descobrem um dia que merecem coisa diferente. Bloch explica assim as surpresas diante de certas reações, quando tudo se revelava previsível. É uma qualidade que não existiria se estivéssemos num universo de estabilidade e aceitação. Contudo, mergulhamos periodicamente num estado de sonolência e custamos a sentir para onde seguir ou contra o que lutar.

A arte funciona como instrumento de prospecção, mas também como a instância graças à qual o adormecido pode despertar. É mais cômoda e simples a sonolência, como observa o autor de *O ser e o nada*. Mas aguardar que os elementos determinem a nossa direção, é uma facilidade que se reveste de dificuldade, se consideramos o preço a pagar por esse pacifismo duvidoso. Quis a ironia que venha do território do inútil, do qual dependemos para o lazer, mas não para comer, o processo de vigília que nos entrega a verdade e o que fazer com ela. Quando se refaz a pergunta: o que é literatura? – a resposta não pode perder de perspectiva a capacidade que a mesma possui de nos convocar onde mais parados julgávamos estar. Não houvesse o nódulo da aspiração e do sonho – e não tiraríamos proveito da convocação. Não se menciona aqui um mecanismo semelhante ao da matemática ou da relojoaria, com seus algarismos e rodas dentadas umas levando energia a outras. Essas representam ciências base-

adas nos princípios de causa e efeito, de modo que, de um ponto de partida, chega-se a uma solução ou a uma cronometria.

A literatura usa noções de medida peculiares. O que realiza se situa na área do imponderável. Na França, por ocasião da Revolução, os nomes de Rousseau, Voltaire, Diderot, Grim, Turgot e de outros iluministas emergiam nos discursos nas mesmas proporções dos heróis, justificando e fundamentando ações. Jamais haviam pensado naquele tipo de desfecho. Enquanto viveram, marcados pela inquietação, imaginavam e concebiam idéias, nada mais do que idéias, lamentando a ausência de espaço para botá-las em prática. Letárgica, a sociedade não parecia predisposta a mergulhar as mãos nos ninhos de vespa criados pelo Tempo e consolidados pelo costume. No que dormitava, uma espécie de vigília aguardava o instante de ouvir. Rousseau, Voltaire e os demais não teriam existido, não fosse a fonte que se esforçava por emergir. É como a individualidade se articula com a coletividade. Uma representa a outra. Escreveu-se com eles, antes da hora, o que as gerações seguintes precisavam ler e, inaugurando uma era de invenções, experimentaríamos.

É difícil, enquanto se vive, saber o que se vive. Só se entende a viagem após o processo. No decorrer do processo não há como avaliar o que vemos e o que deixamos de ver. Sob o impacto da atualidade, torna-se difícil defini-la. A nossa é uma época de reformulações de valores, alguns à espera de um conceito que os explique. A perplexidade diante das contradições, inclusive das literárias, provém disso. Não nos achamos frente a uma única versão ou a um único comportamento. O resultado é uma realidade que escapa cada vez que tentamos apanhá-la. Na falta de noção melhor para o fenômeno cultural, optamos pela “pós-modernidade”, idéia cuja fragilidade tem a vez com o que é e o que já não é mais. Se o modernismo se houvesse esgotado, não ocorreriam manifestações marcadas pelo princípio da ruptura e da inovação formal ou, quando ocorressem, dariam a impressão de anacrônicas.

É verdade que em alguns casos, sem recusá-las, aceitamos as versões que surgem como um jogo, como se o mesmo nos representasse. Também não recusamos a linguagem e a forma clássicas, se os problemas batem com necessidades interiores. A multiplicidade faria do pós-modernismo a marca, a diferença em relação ao caráter seletivo do gosto na etapa que o antecedeu. Do ponto de vista da aparelhagem crítica, tais propriedades bastariam. Mas quando o problema chega a um patamar da história, a

interpretação soa insuficiente. Estamos, quem sabe, num momento de transição, situação semelhante àquela experimentada no século XVII, quando a visão teológica dava sinais de esgotamento e não se conseguia substituí-la por outra. A sensação de vazio, o atrito entre as formas literárias, o paradoxo aparente que se sustenta entre a inovação e a tradição, a irreverência mesclada à conformação, a postura de observação com a qual assumimos, vez por outra, a violência do espetáculo do mundo e suas surpresas – conspiram para a impossibilidade de fechar qualquer teoria com uma chave que atenda e satisfaça o nosso afeto pela verdade. O desprestígio da filosofia não surpreende. Ela caiu, em parte, no espaço do jogo, como se a elaboração do pensamento bastasse a si mesmo, independentemente dos fatos. Trata-se de um tipo de ocupação que, com toda a sua beleza, perde de perspectiva a evidência de que caminhamos sobre um terreno minado. A natureza das coisas é de tal ordem que uma fagulha no lugar e na hora errados pode desencadear catástrofes.

Cabe ao leitor tirar conclusões da expressão que se elabora dentro do leque de opções de que dispõe. O volume aumenta a complexidade das hipóteses; aumenta, também, a riqueza dos testemunhos. É possível que estejamos, com relação a isso, mexendo no caldeirão da arte como, na culinária, o cozinheiro roda a colher e espera o segundo preciso de acrescentar tempero. O fascinante no presente são as interrogações. Devemos matar a charada do quebra-cabeça que desenvolvemos, sem saber a quem se poderá dar a vitória: se à liberdade, se à opressão. Por sorte, o pior não aconteceu. Não perdemos a curiosidade.

ABSTRACT: The culture is the question of the present text. It takes into consideration the forms of the past in their confrontations within the new dynamics of the historical process. The literature is considered here as a privileged witness and a major form of resistance against the models of oppression in course.

KEY WORDS: literature, present, games.

- ¹ RIMBAUD, Arthur. "Iluminations". In: *Rimbaud, Cros, Corbière, Lautréamont, oeuvres poétiques complètes*. Paris: Robert Laffont/Bouquins, 1980, pag. 137. "Ele nos conheceu a todos e a todos nos amou. Saibamos, esta noite de inverno, de cabo em cabo, do pólo tumultuado ao castelo, da multidão à praia, de olhares em olhares, forças e sentimentos cansados, chamá-lo e vê-lo, e mandá-lo embora, e sob as marés e do alto dos desertos de neve, seguir suas visões, seus sopros, seu corpo, seu dia". (Versão nossa).
- ² BAUDELAIRE, Charles. "L'amour du mensonge!" In: *Les tableaux parisiens*. Paris: GF-Flammarion, 1991, pág. 142. Na tradução de Jamil Almansur Haddad (Rio de Janeiro: Difel, 1958, pág. 262), os versos ficam assim: "Se te vejo passar, minha cara indolente./ Ao canto de instrumentos, partido do teto./ Como donaire a fulgir, lenta e harmoniosamente./ O tédio a navegar no teu olhar inquieto;/ E, se eu contemplo, à luz do gás que a colora./ Pálida fronte a arder de mórbido aparato./ Em que as tochas da tarde acendem uma aurora./ E estes olhos que atraem, como os de algum retrato./ Eu me digo: Que bela! E que fresco vestido!/ A saudade maciça – um halo de esplendor –/ Coroa-a; e o coração, um pêssego ferido./ E o corpo amadurecem para o sábio amor".
- ³ Idem, mesmo tradutor: Mas não te basta ser só ilusão imensa/ Para num falso coração ter tua presa?/ Que importa o que há em ti, de tola indiferença?/ A máscara que importa? Amo a tua beleza!"
- ⁴ ADORNO, Theodor. "Situation du narrateur dans le roman contemporain". In: *Notes sur la littérature*. Trad. Sybille Muller. Paris: Flammarion, 1984, pág. 43. Versão nossa.
- ⁵ DELILLO, Don. *Underworld*. Nova York: Simon & Schuster, 1997. Este escritor norte-americano fez do lixo (doméstico, industrial, bélico), neste romance, uma metáfora da sociedade moderna em seu país, vaidosa das suas realizações e incapaz de resolver ou assumir o custo de seus dejetos. Não podendo aproveitá-los ou empurrá-los para outros, como conviria, deve ocultá-los muitas vezes em locais secretos. O pior é que a existência dos homens repete, na atualidade, o mesmo ciclo.
- ⁶ SHORSKE, Carl. *Viena fin-de-siècle, política e cultura*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ⁷ SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard/Idées, 1948, pág. 356.